

# **HISTÓRIA ORAL & EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: INVESTIGAÇÕES COTIDIANAS NO CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO NAVARRO DE BRITO ENTRE OS ANOS 1968 E 1979 EM VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA.**

Rosemeire dos Santos Amaral- rosemeire\_amaral@yahoo.com.br<sup>1</sup>

Claudinei Camargo Sant'Ana – claudinei@ccsantana.com<sup>2</sup>

Irani Parolin Santana – irani@ccsantana.com<sup>3</sup>

**Resumo:** A pesquisa tem por objetivo apresentar, a Educação Matemática e suas possibilidades no campo investigativo do cotidiano do Centro Integrado de Educação Navarro de Brito (CIENB) entre os anos 1968 e 1979, em Vitória da Conquista, Bahia. Para tanto, os relatos de professores e alunos, do respectivo período, tornaram-se imprescindíveis, visto que a ausência de catalogação da documentação e registros, bem como a incineração das cadernetas e diários, dificultam a reconstrução das ações educacionais. Espera-se, a partir do traçado de um paralelo do cenário Educacional entre o século XX e XXI, contribuir para o estudo das relações em Educação Matemática, os seus efeitos no processo de formação da Educação Conquistense e complexidade de seu funcionamento como parte relevante para a construção da História Regional, organização, conservação e disponibilização de acervos historiográficos para a pesquisa e patrimônio cultural no âmbito da Educação, em especial, a Educação Matemática.

## **Aspectos Teóricos e Metodológicos**

A história oral, não se configura uma disciplina, e sim “como um método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades” (FERREIRA, 2002, p. 330) e, para efetivação desta pesquisa, catalogação e análise de dados, fora utilizada, visto que “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 1989, p.1).

---

1 Docente da Rede Estadual de Ensino Básico, licenciada em História (UESB), integrante do Grupo de Pesquisa em História do Ensino da Matemática e do GEEM.

2 Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

3 Pesquisadora do Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

As entrevistas foram pautadas nos relatos de professores e alunos do Centro Integrado de Educação Navarro de Brito embasadas na assertiva que biografias, histórias de vida, entrevistas de História Oral, documentos pessoais, enfim, mostram o que é potencialmente possível em determinada sociedade ou grupo, sem esgotar, evidentemente, todas as possibilidades sociais (ALBERTI, 2004). Procurou-se identificar a partir das narrativas dos entrevistados o estabelecimento de critérios investigativos, tendo em vista a participação da matemática na vida de cada um, a relação com os professores de matemática enquanto discente, o ingresso no magistério (O que o fez querer ser professor de Matemática), o CIENB e seu significado, a matemática moderna (Participação em curso de formação no período; Como inserir a Matemática Moderna no planejamento de curso), o trabalho realizado no CIENB, o cotidiano cienbista<sup>4</sup>, as reminiscências (Acontecimentos marcantes no ensino da Matemática), a visão em relação à Educação Atual, aos estudos da Matemática e Educação Matemática e a disponibilidade de fontes documentais (fotos, escritos). No entanto, não houve limitações de tempo ou foco para a fala dos depoentes, seguindo a indicação da escritora Ivone Rocha: [...] É preciso insistir, ganhar-lhes a confiança, dar-lhes tempo para refletir, antes de responder. É preciso deixar que falem o que quiserem, desde que atentos ao principal objetivo... (P.17), acreditando-se que o relato não deveria ser interrompido ou submetido à rigidez, considerando a possibilidade do enfoque de identidades individuais e coletivas, quando se:

Trata de abordar o conhecimento social sem classificações prévias, mas tentando abrir os vários planos discursivos de memórias várias, considerando as tensões entre as histórias particulares e a cultura que as contextualiza. O sujeito, que se constitui a si próprio no exercício de narrar-se, explica-se e dá indícios, em sua trama interpretativa, para compreensão do contexto no qual ele está se constituindo. (GARNICA, 2008, p. 141)

A cada etapa, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito (ALBERTI, 2004), ao passo que as pessoas ouvidas encontram-se distanciadas de sua prática pedagógica e estudantil, pois, na sua maioria, estão aposentadas e isso reflete diretamente na postura por elas estabelecidas ao depor, pois:

Geralmente as pessoas mais velhas, quando estão aposentadas ou se afastaram do

---

<sup>4</sup> Termo relativo ao CIENB (Centro Integrado de Educação Navarro de Brito)

centro da atividade política, voltam suas atenções para aquilo que foram ou fizeram. Como consequência, se sentem mais à vontade para falar sobre sua experiência e interpretar o passado, reavaliando inclusive suas posições e atitudes, como uma espécie de “balanço” da própria vida (ALBERTI, 1989).

Dessa forma, múltiplas sensações (lágrimas, sorrisos e profundos suspiros) e realizações foram externadas por quem não teve voz nos relatos antigos agora tem a possibilidade de explicar-se e justificar-se. Explicitados esses liames, os acontecimentos narrados prendem-se a um novo código de valores (GARNICA, 2008, p. 29). Um sentimento de pertencimento a um grupo social e reconhecimento da importância de sua existência são estabelecidos, pois as pessoas gostam de falar sobre o passado e sobre sua atuação, principalmente se sua experiência puder se perpetuar, na forma de gravação, para além do momento da entrevista (ALBERTI, 1989), não se excetuando o fato de que:

os mais velhos, especialmente aqueles que, com a pesquisa, se veem pela primeira vez na posição de personagem, narrando suas experiências (experiências geralmente, assumidas por eles próprios como desinteressantes, comuns – embora nem sempre pensem assim) demoram-se mais nos momentos de checagem, exigindo inúmeras idas e vindas, reescritas, correções. Alguns memorialistas defendem que, nesses casos, os depoentes querem se manter, tanto quanto possível, na posição de personagem. (GARNICA, 2008, p. 158/9)

A visitação ao Centro Integrado de Educação Navarro de Brito foi uma estratégia de pesquisa, proporcionando o acesso a fotos antigas, de momentos históricos de grande importância para a trajetória da escola enquanto instituição educativa, bem como dos que por ali passaram. Entretanto, não foi possível a identificação exata de várias delas, pois não constavam anotações, nem disposições ordenadas de tais arquivos.

## **Mapeando o Cenário**

Ao analisar o cenário educacional no Brasil das décadas de 60 e 70, percebe-se que o mesmo visava atender às exigências da política de gabinete do governo da situação, embasado no padrão nacional, em um contexto histórico complexo, voltado para o período da Revolução de 1964 e o período da ditadura, disseminando seus frutos por todo o território nacional, atingindo diretamente o padrão de vida nas cidades interioranas, como Vitória da Conquista.

Sendo assim, o cenário político e social conquistense ao longo das décadas de 60 e 70 é reflexo da dinâmica provinda das transformações ocorridas após a Segunda Guerra Mundial, quando em 31 de dezembro de 1943, o decreto 141, concedeu à cidade o nome Vitória da Conquista, além de mudanças de real significado no que tange a expansão do comércio e abertura de rodovias para o escoamento da produção agrícola, a construção da BR-116-Rio/Bahia e o aumento da população, fatores que desencadearam ações políticas pautadas nos liames dos movimentos populistas e ditatoriais até então vigentes.

Segundo Santana (2011), no ano de 1960 em Vitória da Conquista possuía aproximadamente vinte instituições escolares, entre os quais, o Grupo Escolar Barão de Macaúbas (1935) e o Ginásio de Conquista (1936) são os mais antigos e extintos; O Instituto de Educação Euclides Dantas ou Escola Normal (1952); Colégio Comercial Edvaldo Flores (1959); Colégio Batista Conquistense (1964); Colégio Cristão João Gustavo (1966); Colégio Paulo VI (1967); Centro Integrado de Educação Navarro Brito (1967); entre outros, sendo este último, o objeto de pesquisa nesse instante.

A escolha do Centro Integrado Navarro de Brito originou-se por perceber o envolvimento da instituição desde a sua inauguração (1969) nos movimentos políticos, econômicos e culturais a nível mundial, nacional e estadual, pontos de referência para o desenvolvimento da comunidade regional e local, enfatizado por Durval Menezes em depoimento à Ivone Rocha, revelando que “O Centro Integrado foi estrategicamente planejado pela UNESCO (Organização Científica e Cultural das Nações Unidas) e projetado para integração social dos bairros periféricos da Zona Oeste de Vitória da Conquista (ROCHA 2009, p. 54).

Vitória da Conquista era uma cidade tipicamente agrária, rural. O Bairro Independência, naquela época, tinha uma grande população e na maioria, os alunos eram verdadeiramente pobres. Em volta do CIENB I, muitos terrenos baldios, muitas casas simples, construções interrompidas, na maioria, de tijolinhos. Alunos chegavam com sandálias havaianas pela metade do pé e sem agasalho em pleno inverno... Os pais de alunos participavam, realmente, das decisões e planejamentos. Realizavam os mutirões para a limpeza da escola, para serviço de capinagem das áreas em torno do prédio, onde apareciam cobras: corais, cascavéis e patronas... Algumas vezes, “doidos” ou “tarados” que saíam das mamoneiras, fazendo gestos obscenos (ROCHA, 2009, p.74).

O Centro Integrado de educação Navarro de Brito, Nível I, Unidade Primária, tributária, foi a primeira escola do Complexo, inaugurada em 1969. Aí, funcionava,

cursos de alfabetização e de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª séries. Agora, desmembrada do CIENB, recebeu o nome de Escola Rafael Spínola Neto, uma justa homenagem ao Diretor Geral do Complexo (IDEN, p.58).



Rafael Spínola Neto, 1º Diretor do Centro Integrado de Educação Navarro de Brito – Nível I

Fonte: Acervo escolar – acesso 06/2012

O Centro Integrado de Educação “Navarro de Brito”, o maior estabelecimento de ensino de Conquista, foi festivamente inaugurado pelo governador Luiz Viana Filho, no dia 13 de Abril de 1967<sup>5</sup>. Estiveram presentes além do governador do Estado os secretários de Estado; Luiz Navarro de Brito, Francisco Benjamim, Luiz Viana Neto, Luiz Prisco Viana, Jaime Queiroz. Foi construído um convênio entre a Prefeitura e o Estado, sendo o prefeito Dr. Fernando Spínola. Na mesma data foram inauguradas, na sede do Tiro de Guerra duas amplas salas, para duas escolas. O Centro Integrado de Educação “Navarro de Brito” está localizado à Avenida Frei Benjamim. Entidade mantida pelo Governo do Estado da Bahia (VIANA, 1982).

No projeto desenvolvimentista, instalado como pretense interesse do capitalismo em marcha, reinava a consoante intencionalidade de “formar cidadãos” para a desenvoltura ideal nas fábricas e suas extensões e, não longe, transmissores da ideologia de soberania popular e poder social, através do domínio de ferramentas de produção e geradoras de novas descobertas, insígnia da ambição incontrolável do homem burguês, como nos fato comprovado quando,

---

<sup>5</sup> Há uma aparente contradição acerca do ano de inauguração. É necessário entender que em 1967 o prédio escolar oferecia apenas o ensino primário e, em 1969, passou a implementar o ginásio e 2º grau para o recebimento das estagiárias do Curso Magistério.

O primeiro diretor geral do Centro Integrado de Educação Navarro de Brito foi o Dr. Rafael Spínola Neto. Na primeira reunião com os educadores, Rafael informava: “O governo brasileiro começa a defender o programa educacional que deve atender aos objetivos da ideologia desenvolvimentista e, em consequência disso, foram realizados acordos de cooperação entre Brasil e EEUU1, visando à reestruturação do sistema de ensino e o controle do processo de educação, de modo a formar profissionais necessários ao sistema produtivo...” (ROCHA, 2009, p.101)

Concomitantemente com a virada das Ciências Sociais, o surgimento da História Oral acontece em meados das décadas de 1960/1970, abordando o conhecimento social sem classificações prévias, mas tentando abrir os vários planos discursivos de memórias várias, considerando as tensões entre as histórias particulares e a cultura que as contextualiza (GARNICA, 2008, P. 141). Assim, para se trabalhar com os elementos constitutivos da memória social é necessário buscar no conjunto das lembranças individuais “os marcos ou pontos relativamente invariáveis” (POLLAK, 1992).

Como afirma ROCHA (p. 102), Dr. Fernando Spínola e Orlando Spínola conquistaram a atenção do governo e trouxeram o Centro Integrado, onde foram administrados cursos profissionalizantes gratuitos, a nível de 2º grau; visavam ao “preparo da cidadania e da mão de obra qualificada, para o mercado de trabalho”. Apesar de surgir no período da ditadura, com Rafael Spínola Neto na direção, o Centro Integrado de Educação Navarro de Brito nunca abraçou o autoritarismo. A relação entre diretores e vice-diretores e da direção com os educadores era uma relação de profissionalismo, amizade e respeito... (IDEN, p.112)

Desde a sua instalação até Dezembro de 1980, cursaram “Navarro de Brito”, 33.643 alunos. Diretores: 1970 a 1974 – Dr. Rafael Spínola. Em 1975, o diretor foi o Engenheiro Mário de Seixas Pereira; De 1976 a 1979 – Dr. Rosivaldo Brito de Souza e 1980 à presente data (Dezembro de 1981) o Centro Integrado Navarro de Brito vem sendo dirigido pelo Professor Durval Lemos Menezes, que tem feito boa administração digna de ecômios (VIANA, 1982).

A esse respeito acrescenta-se: Todos os cursos profissionalizantes funcionaram ilegalmente até 1980. Foram reconhecidos e legalizados pelo Conselho Estadual de Educação através da Resolução Nº 813/81, publicada no “Diário Oficial” do Estado, em 20 de Abril de 1981 (IDEN, 1982). Todavia, os professores de matemática do período de 68 a 79 no Centro Integrado Navarro de Brito não eram licenciados, pois em Conquista não havia Faculdade. Os mesmos se esforçavam para conseguir uma graduação em Teófilo Otoni, Minas Gerais.

## O ensino da Matemática

Antes de 1950, o ensino de Matemática ocupava-se com os cálculos aritméticos, identidades trigonométricas, problemas de enunciados gigantescos e complicados, demonstrações de teoremas de geometria e resolução de problemas sem utilidade prática. O professor Eron Sardinha<sup>6</sup> narra que, enquanto estudante, foi um dos marcos de seu percurso:

“Uma vez, ainda na UESB eu fui pra Universidade de Pernambuco, mas, chegando lá, eu vi que não era o que eu queria. Porque eu gostava... com o curso de engenharia, a graduação de engenharia, eu queria uma matemática aplicada. Eu estudando, eu fiquei lá 20 dias, um livro para mostrar que o  $\pi$  (pi) é um número irracional, um livro inteiro, e depois eu fiz o trabalho e apresentei e o professor gostou e me aprovou, gostou. Um colega dele assistiu minha apresentação, também, com boas referências. Mas, eu fiquei assim, tanto tempo para aprender que  $\pi$  (pi) é irracional, tantos dias de minha vida dedicado a isso. Depois, eu vi uma meditação de Pierre de Fermat dizendo que a matemática é inútil em sua profundidade. Nessa época eu não conhecia esse pensamento. Isso, eu vi depois, mas foi o que eu achei na época, estudar essas álgebras, essas análises matemáticas que depois não iam ter aplicabilidade. Perguntei esse próprio professor de análises, que o orientador meu tava na França e eu perguntei: \_ Ô Professor, esses assuntos que a gente tá estudando, tem alguma aplicabilidade? Ele deu uma volta - ele era chileno- pra me dizer que uma vez ele fez uma pergunta dessas para o professor dele, e o professor dele disse que a única coisa que não tem aplicabilidade é a ignorância. E, mas que na realidade, não tinha e que eu ia fazer uma bateria de conhecimentos, se algum dia uma outra disciplina precisasse, que a matemática ia na frente. Eu não me interessei pela proposta, só fiz o primeiro semestre”.

Pelo destino, e não por mera coincidência, Ezildeni Sardinha<sup>7</sup>, irmã de Eron protagonizou momentos semelhantes e relata que situações assim deixaram-lhe um trauma em relação à matemática:

“Então, naquela época nós estudávamos a cartilha do povo e eu já estava com de 8 pra 9 anos, quando ingressei na escola e logo em seguida, assim que comecei a ler e a ... contar, vamos dizer assim, né? Então, ... naquela época era colocado muitas operações imensas no quadro pra gente efetuar e nesse caso, aconteceu, eu era muito tímida, como sou até hoje, ainda sou muito tímida e era bem mais, porque nós tivemos uma educação muito rígida, todos nós, eu, Eron também muito tímido, todo mundo. Nós éramos muito tímidos, envergonhados e a professora colocou no quadro aquela operação imensa e a quantidade de erros que você tivesse na operação, você teria de bolos, você teria castigo naquilo, palmatória. Eu tive 11 erros nunca conta de subtrair, operação de subtração. Então, eu apanhei, levei 11 bolos, né? De palmatória. Cheguei em casa chorando, a minha mãe me tirou da escola e me tirou e me colocou numa escola particular que só existia essa escola pública. Nessa escola

---

6 SARDINHA, Eron. Entrevista concedida a Rosemeire dos Santos Amaral, Vitória da Conquista, 20/06/2012.

7 SARDINHA, Ezildeni. Entrevista concedida a Rosemeire dos Santos Amaral, Vit. Conquista, 20/06/2012.

particular, era difícil pra gente estudar, ela era sozinha, com quatro filhos pequenos, e aí, era muito difícil, mas aí ela foi na igreja, a escola era da igreja e pediu que fizesse lá que fizessem um abatimento que era pra eu ir pra escola, revoltada porque a professora fez isso, né? Porque não foi uma indisciplina, não foi nada. E aí, eu criei um trauma tão grande da matemática que eu perdia todas as unidades. E assim, foi no primário, e depois no fundamental todo”.

Esses mesmos professores, declaram que, ao assumir o magistério, tornaram-se dedicados e empenhados em fazer da Matemática uma disciplina sem segredos e de fácil entendimento, de resultados rápidos e práticos, relacionados às atividades corriqueiras de seus alunos, como demonstrado por Ezildeni:

E a gente sempre brincava quando entrava em números relativos que era 6ª série, eu sempre brinquei com eles assim, levava extratos de conta pra mostrar o que o número negativo, o que é o número positivo, o que é devendo... e a gente usava uma linguagem assim, diferente que não teve assim muito problema, não.<sup>8</sup>

Quanto à Matemática Moderna, é perceptível sua instalação tanto na fala dos docentes, quanto discentes, a exemplo:

Lembro dos polinômios, que eu ficava fascinada que eu fazia uma página inteira respondendo aqueles, logo de início no ginásio .....e me veio outros conteúdos que me atraíram muito também, os cálculos, as expressões numéricas e outros conteúdos que ...agora, nem me lembro... Tive sim, me lembro que tínhamos mesmo, como toda unidade começava mesmo com conjunto, mas aí, eu ía pra outros, me lembro das expressões numéricas, das raiz quadrada...<sup>9</sup>

## **Considerações finais**

Pensar a Educação Matemática é, sem dúvida, lançar um olhar diferenciado para as décadas de 1960 e 1970, pois este período foi palco de grandes transformações societárias em todos os níveis e setores no cenário brasileiro. Conseqüentemente, houve construção e expansão de instituições de ensino tanto particulares quanto públicas, um investimento esplendoroso com inovações para a prática em sala de aula, para uma contextualização diversificada dos verdadeiros objetivos educacionais, dos novos rumos da matemática,

---

<sup>8</sup> SARDINHA, Ezildeni. Entrevista concedida a Rosemeire dos Santos Amaral, Vit. Conquista, 20/06/2012.

<sup>9</sup> SANTOS, Maria Inês Machado Santos. Entrevista concedida a Rosemeire dos Santos Amaral, Vit. Conquista, 15/07/2012.



interesses e formação de seus profissionais.

A História Oral tornou-se um método com mérito para abarcar situações do cotidiano escolar no Centro Integrado de Educação Navarro de Brito, permitindo, através do ato memorialístico de professores e alunos, uma busca pelas raízes do presente, um passado atuante e tendências para o futuro. Esse aspecto é comprovado nos registros orais de duas alunas, Iara Maria Souza Santos e Maria Inês Machado Santos, sublimemente demonstrado pelo saudosismo e euforia de suas narrativas referentes ao período em que frequentaram o CIENB, de 1971 e 1977:

Os caminhos diversos nos levam a caminhos diferentes, acabamos nos afastando de muitas pessoas. Mas, o importante fica, a aprendizagem. Procuro cada dia fazer valer nos bons exemplos de professores que tive para que eu possa superar minhas dificuldades como professora e quem sabe, um dia ser lembrada também como alguém que contribuiu positivamente na vida dos meus alunos. Deixo aqui meu reconhecimento e meu agradecimento a todos os professores que participaram da minha formação e em especial a equipe do Curso de Magistério de Centro Integrado.<sup>10</sup>

Assim, investigações cotidianas no Centro Integrado de Educação Navarro de Brito entre os anos 1968 e 1979 em Vitória da Conquista possibilitou, na ênfase do pensamento de GARNICA (2008, p. 77), “falar da viabilidade e potencialidade de tratar a vida como texto, ampliando a concepção de registro das experiências humanas e tomando-as como o solo do qual partirá uma análise hermenêutica, visando à intervenção, em alguns casos, ou como fermento para o diálogo Inter áreas, em muitos outros pontos”. Visto isso, acredita-se que essa pesquisa, na relação História Oral e Educação Matemática, contempla seus propósitos.

---

<sup>10</sup> SANTOS, Maria Inês Machado Santos. Entrevista concedida a Rosemeire dos Santos Amaral, Vit. Conquista, 15/07/2012.

## **- Referências bibliográficas**

- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1989.
- \_\_\_\_\_. Manual de História Oral / Verena Alberti. – 2º edição. ver. e atual – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. Ouvir Contar – Textos em História Oral. RJ. Editora FGV, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e História Oral. To po i, vol. 13, p. 330, 2002 (<http://www.scribd.com/doc/55477905/To-Poi-a-13>)
- GARNICA, A. V. M. A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade social. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v.5,n. 10, 1992.
- ROCHA, Ivone Alves. CIENB: um farol nas sombras. Vitória da Conquista: (S.N.), 2009.
- SANTANA, Irani Parolin. A trajetória e a contribuição dos professores de matemática para a modernização da matemática nas escolas de Vitória da Conquista e Tanquinho (1960-1970). 115 f (Dissertação de Mestrado em História das Ciências). UFBA, 2011.
- VIANA, Aníbal Lopes. Revista histórica de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista. Ed. do autor. Brasil Artes Gráficas LTDA. vol. 1, 1982 e v.2, 1985.